

# Opções para um católico ir ao cinema

Muitas vezes, pesam sobre o católico dúvidas sobre qual filme assistir, considerando a série de obras que muitas vezes mais deturpam a Igreja e a fé do que passam qualquer valor. Em 1995, pelo centésimo aniversário do cinema, o Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais editou uma relação de 45 filmes que possuem especial importância em matérias religiosas, artísticas ou morais. Observa-se, porém, que devemos assistir a esses filmes como pessoas maduras e inteligentes, sabendo pensar criticamente e separando as coisas boas e as coisas más que existem nelas. Ora, nenhum filme é perfeito, nem mesmo os de religião; portanto, nem tudo que apresentam é endossado. O assunto voltou à análise este ano. Em janeiro, grande número de cinemas passou a reproduzir *As Crônicas de Nárnia*, do escritor cristão C.S. Lewis.

A Sala de Cinema e Televisão da Conferência do Episcopado dos Estados Unidos emitiu a lista dos dez fil-

mes mais interessantes, em termos de valores humanos e cristãos, de 2005. Também a dos dez melhores filmes familiares. A lista, segundo o diretor da Sala de Cinema e Televisão, Harry Forbes, tenta apresentar os filmes de Hollywood e de outros centros produtores que, além de seus méritos artísticos, refletem valores cristãos. Emite-se desde 1965.

Não há ganhadores nesta lista, ainda que se poderá dizer que "As Crônicas de Nárnia" ocupa o primeiro lugar, dada a alegoria com a qual o escritor inglês quis representar a luta do bem e do mal e o sacrifício de Jesus para salvação dos homens. No boletim de início de ano, a Sala de Cinema e Televisão dependente do episcopado americano diz que o primeiro capítulo dos sete que compõem a narrativa original de Lewis (O leão, a bruxa e o armário), é um filme de ação cativante, que narra as aventuras de um grupo de crianças —com a Segunda Guerra Mundial como pano de fundo— no

reino encantado de Nárnia, assim como um rico simbolismo cristão do triunfo do bem sobre o mal.

Outro filme recomendado pela organização católica é «Cinderella Man», cuja ação corresponde à história da vida real do boxeador Jimmy Braddock, nos tempos da grande depressão econômica dos Estados Unidos, depois da quebra da Bolsa de Valores de 1929. "Após muitos anos afastado do boxe,

Braddock volta ao pugilismo animado pelo amor à esposa e a seus três filhos pequenos, realizando um milagroso ressurgimento baseado nos valores da família", diz o comunicado do departamento, cuja sede está em Nova York. Também foi emitida a lista dos dez filmes familiares recomendados, incluindo A Marcha dos Pinguins, em cartaz agora no Brasil, Wallace & Gromit e Zathura.



Nárnia: um bom exemplo, ao levantar a ética da vitória do bem sobre o mal

Imagem: WEB

## Código da Vinci, uma mentira de sucesso

Um enorme sucesso comercial baseado numa leitura equivocada e falsa da história do cristianismo e da Igreja

Pedro Vaz Patto

Há muito tempo não acontecia um fenômeno desse tipo com um livro. O Código Da Vinci, de Dan Brown, parece estar em todos os lugares, das vitrines das maiores livrarias do mundo às conversas entre amigos. A sua narrativa empolgante, com o sucessivo e surpreendente desvendar de mistérios, prende facilmente a atenção do leitor. Mas o que dizer da mensagem desse livro? O enredo gira em torno do assassinato de um museólogo do Museu do Louvre, conhecedor de uma suposta verdade escondida durante séculos. Qual é essa verdade? Segundo o autor, Jesus nunca foi considerado Deus pelos seus seguidores e só foi declarado como tal pelo Concílio de Nicéia (no ano 325) devido às manobras políticas do imperador Constantino. Diz ele ainda que Jesus foi casado com Maria Madalena e teve filhos, que são antepassados dos protagonistas do livro. Os dois representam a dualidade masculino-feminino. Os seguidores de Jesus adoravam o "sagrado feminino", sempre presente nas religiões mais antigas.

E a "revelação" não pára por aí: segundo o livro, a Igreja Católica nasceu precisamente para combater os adoradores do "sagrado feminino", destruindo o equilíbrio masculino-feminino e substituindo-o por uma religião exclusivamente "masculina", avessa à sexualidade e partidária do celibato, fonte de violência e falta de respeito pela "Mãe-Terra". Paralelamente, ao longo da história, os adoradores do "sagrado feminino" vão resistindo, sempre perseguidos pela Igreja Católica. Entre esses, conta-se a sociedade secreta do Priorado de Sião, a que pertenciam Leonardo da Vinci e o tal museólogo do livro. E ainda: a Igreja Católica pretende hoje, como sempre pretendeu, evitar que se conheça a verdade, e para isso age através da Opus Dei, apresentada como seita tenebrosa e maquiavélica, para quem os fins justificam os meios.

O autor do livro, na sua apresentação, dá a entender que tudo isso é fruto de investigação histórica, e não pura fantasia. No entanto, o ponto de partida da tese de Dan Brown não tem base histórica. A natureza divina de Jesus resulta de muitos passos dos Evangelhos canônicos (os quais, desde muito antes do Concílio de Nicéia, foram reconhecidos como autênticos pela Igreja), das Epístolas e dos textos dos primeiros autores cristãos, também muito anteriores ao Concílio de Nicéia. Antes desse concílio, muitos mártires já haviam dado a própria vida por esta verdade de fé. A tese do livro baseia-se nos evangelhos gnósticos (muito posteriores aos evangelhos canônicos), que nunca poderiam ser considerados históricos, pois o gnosticismo desvaloriza a materialidade e a historicidade. Muitas outras falsidades e incorreções históricas têm sido identificadas no livro, sobretudo as informações que se referem à Opus Dei.

É certo que a sexualidade nem sempre foi apresentada, ao longo da história da Igreja, da forma positiva como a apresenta hoje João Paulo II, o qual a situa como uma forma de expressão de um amor de doação. A perspectiva do livro não é esta, é antes a de uma sacralização da sexualidade em si mesma, em consonância com o pansexualismo que caracteriza a cultura de hoje. A sociedade secreta à qual pertence o protagonista do livro pratica ritos sexuais que suscitam uma normal reação de repugnância, mas o autor parece querer dizer que não se justifica essa repugnância, pois tais ritos são comuns a muitas religiões (dando exemplos que não são historicamente verdadeiros). Uma coisa que faz pensar é o fato de que muitas pessoas —jovens e adultos— têm uma primeira visão do cristianismo e da sua história através desse romance. De fato, existe uma enorme falta de informação sobre o cristianismo, mesmo em países tradicionalmente cristãos. O sucesso de Dan Brown é uma consequência dessa ignorância sobre o cristianismo, mas demonstra também que o cristianismo com toda a sua beleza deve se tornar mais conhecido, sobretudo através do testemunho de vida e de amor de todos os cristãos.

## Filmes indicados pelo Vaticano

### RELIGIÃO

- A Paixão (La Passion) - Ferdinand Zecca (França, 1903).
- A Paixão de Joana d'Arc (The Passion of Joan of Arc) - Carl Dreyer (França, 1928).
- O Senhor Vicente (Monsieur Vicent) - Maurice Cloche (França, 1947).
- As Flores de São Francisco (Flowers of St. Francis) - Roberto Rossellini (Itália, 1950).
- Ordem/O Mundo (Ordet/The World) - Carl Dreyer (Dinamarca, 1955).
- Ben-Hur (Ben-Hur) - William Wyler (Estados Unidos, 1959).
- O Nazareno (Nazarin) - Luis Bunuel (México, 1959).
- O Evangelho segundo São Mateus (The Gospel According to St. Mathew) - Pier Paolo Pasolini (Itália, 1964).
- Um Homem para todos os Tempos (A Man for All Seasons) - Fred Zinnemann (Inglaterra, 1966).
- Andrei Rublev (Andrei Rublev) - Andrei Tarkovsky (União Soviética, 1966).
- O Sacrifício (The Sacrifice) - Andrei Tarkovsky (Suécia/França, 1986).
- A Missão - Roland Joffe (Inglaterra, 1986).
- A Festa de Babete (Babette's Feast) - Gabriel Axel (Dinamarca, 1987).
- Francisco (Francesco) - Liliana Cavani (Itália, 1988).

### ARTE

- Nosferatu (Nosferatu) - F. W. Murnau (Alemanha, 1922).
- Metrópolis (Metropolis) - Fritz Lang (Alemanha, 1927).
- Napoleão (Napoleon) - Abel Gance (França, 1927).
- A Pequena Garota (Little Women) - George Cukor (Estados Unidos, 1933).
- Tempos Modernos (Modern Times) - Charles Chaplain (Estados Unidos, 1936).
- A Grande Ilusão (Grand Illusion) - Jean Renoir (França, 1937).
- A Diligência (Stagecoach) - John Ford (Estados Unidos, 1939).
- O Mágico de Oz (The Wizard of Oz) - Victor Fleming (Estados Unidos, 1939).
- Fantasia (Fantasia) - Walt Disney (Estados Unidos, 1940).
- Cidadão Kane (Citizen Kane) - Orson Welles (Estados Unidos, 1941).
- The Lavendar Hill Mob (The Lavendar Hill Mob) - Charles Chrichton (Inglaterra, 1951).
- A Estrada (La Strada) - Federico Fellini (Itália, 1954).
- 8 1/2 (8 1/2) - Federico Fellini (Itália, 1963).
- O Leopardo (The Leopard) - Luchino Visconti (Itália, 1963).
- 2001: Uma Odisséia no Espaço (2001: A Space Odyssey) - Stanley Kubrick (Inglaterra, 1968).

### VALORES

- Intolerância (Intolerance) - D. W. Griffith (Estados Unidos, 1916).
- Cidade Aberta (Open City) - Roberto Rossellini (Itália, 1945).
- É uma Vida Maravilhosa (It's a Wonderful Life) - Frank Capra (Estados Unidos, 1947).
- O Ladrão de Bicicletas (The Bicycle Thief) - Vittorio Di Sica (Itália, 1948).
- Na Área da Praia (On the Waterfront) - Elia Kazan (Estados Unidos, 1954).
- A Harpa da Birmânia (The Burmese Harp) - Kon Ichikawa (Japão, 1956).
- Morangos Selvagens (Wild Strawberries) - Ingmar Bergman (Suécia, 1957).
- O Sétimo Selo (The Seventh Seal) - Ingmar Bergman (Suécia, 1957).
- Dersu Uzala (Dersu Uzala) - Akira Kurosawa (União Soviética/Japão, 1975).
- A Árvore de Wooden Clogs (The Tree of Wooden Clogs) - Ermanno Olmi (Itália, 1978).
- Carruagens de Fogo (Chariots of Fire) - Hugh Hudson (Inglaterra, 1981).
- Gandhi (Gandhi) - Richard Attenborough (Inglaterra, 1982).
- O Revoar das Crianças (Au Revoir les Enfants) - Louis Malle (França, 1987).
- O Decálogo (Dekalog) - Krzysztof Kieslowski (Polónia, 1988).
- A Lista de Schindler (Schindler's List) - Steven Spielberg (Estados Unidos, 1993).